

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL  
 EDITOR: ADOLFO FIALHO  
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,  
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,  
 MAGDA CARVALHO,  
 MARIA DA LUZ CORREIA,  
 SUZANA CALDEIRA

# AGORA

JORNAL  
 DA FACULDADE  
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
 E HUMANAS  
 DA UNIVERSIDADE  
 DOS AÇORES

JULHO DE 2018 · Nº 09

Página Facebook: [https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt\\_homepage\\_panel](https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel) | Email: [agora.fcsh@gmail.com](mailto:agora.fcsh@gmail.com)

## Nota de abertura De malas prontas...

Terminado mais um ano letivo na UAC, já de malas prontas para férias, tranquilizamos os nossos mais assíduos e fiéis leitores e prometemos voltar em agosto...

Antes da última viagem, o AGORA presta homenagem aos antigos colegas Casimiro Rodrigues e Adelaide Freitas, docentes da UAC, que tão prematuramente nos deixaram e cujo legado guardaremos para sempre na nossa memória coletiva.

Neste número, a rubrica *Agora* partilha uma interessante iniciativa do Mestrado em Filosofia para Crianças e a rubrica *Ágora* convida a uma viagem no tempo, até às origens do culto ao Divino Espírito Santo nos Açores.

A nossa habitual *conversa escrita* dá lugar a um fascinante *Passeio* por uma plataforma de arte e cultura urbana e revela algumas das suas principais valências na área da comunicação.

Em *Agora é moda* trocamos alianças e juras de amor eterno, num qualquer casamento temático. Rui Coutinho, na rubrica *Agora deu-me para isso*, fala-nos dos benefícios do Tai Chi e em *Alumni* partilhamos a experiência de Márcia Dias Sousa, antiga aluna do Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística.

ADOLFO FIALHO  
 (DOCENTE DA FCSSH)

## Ágora

# As Festas do Espírito Santo: origens

Nestes últimos meses, assistimos à Festas do Espírito Santo, momentos de religiosidade, alegria e confraternização, que o nosso povo preservou, desde que cá chegaram os primeiros povoadores. O tempo do Espírito Santo, como lhe chama o povo, decorre entre o domingo da Páscoa e o domingo da Trindade, muitas vezes prolongando-se por mais uns tempos. Este culto, imbuído do espírito de partilha e humildade defendido pelos Franciscanos espiritualistas, teve a sua realização prática nas Festas do Império, criadas pelo Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Oto IV (1197-1218), quando escolheu uma criança, das mais pobres, para ser coroada ao som do Hino "Veni Creator Spiritus" e, depois, a levou em procissão a um banquete na corte. Seguiu-se a fundação de uma instituição, sob invocação do Espírito Santo, destinada a socorrer os pobres atingidos pela fome que assolou o Império no início do século XIII e que depois se propagou aos outros Estados Cristãos da Europa.

Em Portugal, embora já houvesse notícias de instituições e igrejas dedicadas ao Espírito Santo, as Festas difundiram-se após os Reis D. Diniz e D. Isabel, terem



DIREITOS RESERVADOS

Nas Ilhas, as Festas tornaram-se símbolo de união entre todos, explica Margarida Machado

realizado, em Alenquer, uma festa semelhante à de Oto IV. Foram estes reis os responsáveis pelo incremento da difusão do culto ao Espírito Santo sob a forma de Império - representação terrena do império do Espírito Santo. Como tinha acontecido na Alemanha, também em Portugal, a nobreza quis imitar esta festa real, e pediu licença ao Rei para fazer uma cerimónia igual, que se realizaria no tempo que ia do

Domingo da Páscoa ao de Pentecostes. A coroa a usar seria semelhante à do Rei, exceto no centro onde o símbolo do Espírito Santo se distinguiria da coroa real. O fogo do Espírito Santo espalhou-se pelo Reino, chegando às nossas ilhas, pelas mãos dos nossos primeiros povoadores, que num ambiente inóspito e onde a terra tremia várias vezes, pediam protecção ao Divino Espírito Santo. Preces e promessas leva-

ram à criação dos Impérios e das Festas do Espírito Santo, muitas delas ligadas às Misericórdias insulares. Nas Ilhas, ao contrário do Continente em que a tradição esmoreceu, as Festas continuaram levadas pela mão do povo que, com um dinamismo próprio, as tornaram símbolo de união entre todos, nas Ilhas e fora delas.

MARGARIDA MACHADO  
 (DOCENTE DA FCSSH)

**Agora deu-me para isso**  
 Rui Coutinho partilha  
 com o *Agora* os benefícios  
 do Tai Chi

página 2

**Alumni**  
 Márcia Dias Sousa  
 elogia os seus  
 Mestres da UAC

página 2

**Investigação**  
 O AGORA dá a conhecer  
 a *Passeio*, uma plataforma de  
 arte e cultura urbana

página 3

## Agora

# UAc recebe Walter Kohan, especialista internacional em Filosofia com Crianças

O Mestrado em Filosofia para Crianças, em parceria com o NICCA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, da Universidade dos Açores (UAc), organizou de 13 a 17 de julho o II Encontro "Filosofia, Infância e Educação", por ocasião da presença dos alunos do Mestrado nos Açores. O encontro trouxe à UAc o Doutor Walter Omar Kohan, Professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e reconhecido especialista internacional em Filosofia com Crianças. Walter Kohan é autor de diversas publicações na área da Fi-

losofia com Crianças, assim como em Filosofia da Infância. Em S. Miguel, as atividades decorreram no campus de Ponta Delgada e na Escola Básica e Integrada da Vila Franca do Campo, tendo-se depois estendido às Flores e ao Faial. Para além de momentos especificamente dedicados aos alunos do Mestrado, as atividades consistiram em palestras e oficinas abertas ao público, bem como em conferências, oficinas e uma tertúlia na cidade da Horta.

MAGDA CARVALHO  
 (DOCENTE DA FCSSH)



DIREITOS RESERVADOS

Walter Kohan, Magda Costa Carvalho e alguns alunos do Mestrado

Agora deu-me para isso

# “Uma arte ou uma forma de viver?”

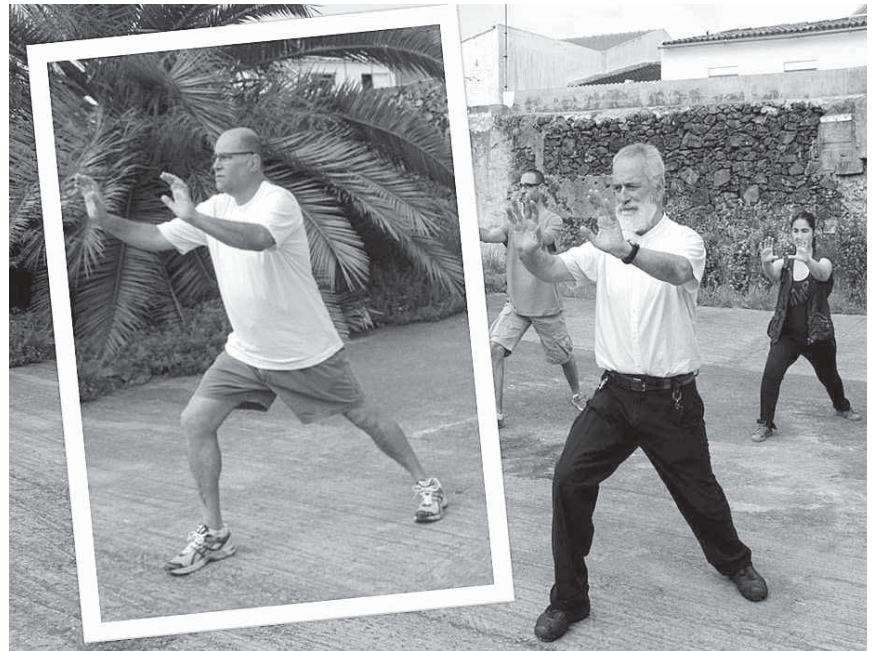
**Rui Coutinho é docente do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores, onde se doutorou, no ramo de Geologia, especialidade de Vulcanologia**

Há cerca de cinco anos, num dos sempre simpáticos (re)encontros com o meu antigo professor e, desde então, amigo Álvaro França, veio à baila o Tai Chi. O quê? Aquela atividade matinal (põe matinal nisso!) que os chineses, de todas as idades, praticam nos espaços verdes e jardins públicos, ondem quer que habitem? É isto mesmo e acho que devia experimentar, disse-me. Encontramo-nos todos os sábados no

Relvão e, caso o tempo não esteja de feição, na escola das Laranjeiras. Ficou a promessa de aparecer “para ver como era”.

Um acidente sofrido na tentativa de conseguir a fotografia perfeita levou-me ao estaleiro por algum tempo e adiou por alguns meses a experiência de uma atividade com raízes no taoísmo e no budismo. Meses depois, numa manhã de sábado, um pouco antes da hora marcada, lá apareci no Relvão para o tão esperado encontro com as artes marciais.

O mestre Álvaro França dispensou os apêndices ao seu nome e alertou-me para alguns detalhes que deveria ter em conta: o aquecimento, a respiração, a postura e o ritmo a que se processam os exercícios. Alguns movimentos de aquecimento recordaram-me uma longínqua passagem pelo



“Não me canso de elogiar a prática destas artes” partilha Rui Coutinho

judo, ao que se seguiram as “oitopeças de brocado” e o Chi-kung (Qi Gong) - exercícios orientados para a gestão da energia - e, por fim, algumas posições da forma quarenta do Tai Chi.

Escusado será dizer que não dei conta da dita energia e o quão inábil me senti. Os movimentos lentos, desenvolvidos numa posição relativamente baixa e que

pareciam fáceis e acessíveis, revelaram-se uma tarefa complicada. Apesar do estímulo que recebi de um grupo de praticantes exímios, hoje bons amigos, os sábados seguintes não revelaram grandes progressos. Um pouco desajeitado, qual paquiderme, lá ia tentando encadear um conjunto de movimentos, lembrar os passos, a posição do tronco, dos

pés, das mãos e dos braços, e não esquecer de respirar. Surgiram mais algumas formas de Tai Chi e o Pa Kua. Já tive o grato prazer de sentir fluir a energia quando pratico Chi Kung e, apesar de ser um aprendiz de feiticeiro, não me canso de elogiar a prática destas artes.

**RUI COUTINHO  
(DOCENTE DA FCT)**

## Visita ao Núcleo Museológico da RTP Açores

No passado dia 30 de maio, a turma de Sociologia da Política, constituída por alunos dos cursos de Comunicação Social e Cultura e de Sociologia, acompanhados do docente, Prof. Doutor Álvaro Borralho, realizou uma visita de estudo à RTP Açores, em especial, ao seu Núcleo Museológico. Para além da visita ao Núcleo, que foi acompanhada e guiada pela Dra. Luísa Bairos, coordenadora do Núcleo, houve ainda a possibilidade de ver parte das instalações da RTP e da RDP Açores. A seguir, os alunos tomaram contacto com algumas imagens do arquivo da RTP, designadamente, com excertos de acontecimentos políticos da história açoriana. No final da visita, e depois de se ter juntado o jornalista Dr. Rui Goulart, foram colocadas algumas questões,

pelos alunos, no sentido de saber a forma como a comunicação social regional se relaciona com a atividade política e os seus principais protagonistas, tendo-se gerado um debate acerca do tema, também ele parte integrante das aulas da disciplina. A visita foi âmbito de reportagem da RTP Açores, tendo sido exibida no dia seguinte, na qual dois alunos prestam depoimentos.

**ÁLVARO BORRALHO  
(DOCENTE DA FCSH)**



RTP Açores recebe alunos de Sociologia Política da UA

## Alumni

### Um percurso de (re)tradução: de aprendiz a “mestre”

Falar do Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística é destacar os ensinamentos dos docentes do então Departamento de Línguas e Literaturas Modernas: a Professora Leonor Sampaio, que me permitiu abrir fronteiras, ao destacar o caráter interdisciplinar da Tradução, nomeadamente em relação aos Estudos Culturais. A Professora Gabriela Funk, que me despertou para uma postura crítica perante a nossa língua, tantas vezes “matreira”. A Professora Helena Montenegro, que me fez perceber como os falantes são determinantes na composição do léxico nacional, assim como os media são exponenciais potenciadores (ou inibidores) dos usos linguísticos (re)construídos em (e pela) sociedade. Do Professor Carlos Ventura (que lembro com carinho e nostalgia...), guardo o facto de ter sido ele que acompanhou os meus primeiros passos na “arte” de traduzir, fazendo-me perceber que

nem tudo “funciona” na passagem de uma língua para outra. Das sessões práticas em retroversão linguística com a Professora Rosa Simas, ficou uma frase que ainda ecoa na minha mente, sempre que escrevo ou falo na língua inglesa: “Think in English!” Das sessões de Interpretação, com a Professora Kathleen Calado, destaco a “ginástica mental” e o considerável aumento das competências de interação linguística de e para inglês. Ao Professor Eduardo Silva, agradeço os ensinamentos no que à formação de textos científicos diz respeito, com toda a objetividade, minuciosidade e complexidade necessárias em graus académicos superiores. “Last, but (certainly) not least”, refiro a Professora Dominique Faria, orientadora da minha dissertação final. Se as Teorias da Tradução permitiram conhecer o “estado da arte” deste campo de estudos, a posterior junção dos postulados teóricos a



**Mária Dias Sousa frequentou o Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística na UA**

casos práticos criou um “bichinho” e uma vontade de querer descobrir cada vez mais deste (entusiasmante!) mundo da Tradução.

O povo diz: “aprende, e serás mestre”. Com os “mestres” aprendi e Mestre me tornei. Se, neste caminho académico que decidi prosseguir, “mestre” me tornar, então, a devida homenagem lhes poderei fazer. À UA: obrigada!

**MÁRCIA DIAS SOUSA  
(ANTIGA ALUNA DA FCSH)**



Agora... A Passeio

# “Passeio, uma plataforma de arte e cultura urbana: entre Braga e Ponta Delgada”

A Passeio é uma plataforma de arte e cultura urbana desenvolvida no âmbito da estratégia de intervenção do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Uma das suas coordenadoras, Maria da Luz Correia, que divide essa responsabilidade com Helena Pires, docente da Universidade do Minho, é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, mais exatamente do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, ensinando na área das ciências da comunicação. Desta equipa, fazem ainda parte investigadores da Universidade do Minho e da Universidade Nova de Lisboa. Este mês, o Agora quis partilhar este projeto com os nossos leitores



Página principal do site da Passeio: Subpáginas passeio, galeria, quiosque, mediateca, calendário e mapa



A Passeio, projeto de investigação de inspiração etnográfica, fixa o seu olhar nas duas cidades onde residem as suas coordenadoras - Ponta Delgada e Braga - mas também onde quer que os investigadores viajem, procurando cartografar as diferentes expressões estéticas e manifestações culturais que encontram nos seus trajetos: arquitetura, urbanismo e artes decorativas; arte urbana; cidade e quotidiano, comércio e artesanato, desporto e passatempos urbanos, entretenimento e artes do espetáculo, ou ainda, publicidade exterior. Estas são as categorias em que classificam os diferentes trabalhos - de texto, fotografia e vídeo - que têm vindo a desenvolver em torno da experiência da cidade. Num estudo, que se baseia na observação, na entrevista, na recolha e produção fotográfica e audiovisual e na análise documental, os investigadores têm procurado contextualizar os



“Naquela altura vinham dezenas de caixeiros viajantes, passavam aqui tempos, conviviavam uns com os outros (...) Havia caixeiros viajantes que passavam meses entre ilhas (...) Eles tinham funcionários que, quando chegava o barco, os iam esperar (...) Às vezes havia comerciantes que traziam 60, 70 malas. (...) A cidade estava voltada de costas para o mar. O que havia de bonito era junto à Matriz, a Varanda de Pilatos, uma prainha que nós tínhamos no centro histórico. (...) E os rapazes do comércio iam na hora do almoço, a gente debruçava-se ali... a ver as marés.” José António Franco, proprietário da loja Riviera, falecido em maio de 2018, falou com a Passeio em julho de 2017 sobre o comércio tradicional em Ponta Delgada: é ele que, a partir da Rua Machado dos Santos, narra um dos vídeos da série Memórias em Trânsito, disponível no site da Passeio.

acontecimentos quotidianos das ruas da cidade com a memória partilhada dos seus transeuntes.

O projeto, que já se encontra em processo de conceção há cerca de dois anos, concluiu recentemente o processo de construção do site ([www.passeio.pt](http://www.passeio.pt)) e já publicou alguns trabalhos dedicados a São Miguel e a Ponta Delgada: da história ilustrada do Hotel Monte Palace a um vídeo da Rua Machado dos Santos narrado pelo comerciante José António Franco da Riviera e a um artigo que trabalha a história de vida do fotógrafo, caricaturista e galerista Mário Roberto de Carvalho: estes são alguns dos contributos que a Passeio já deu para o retrato de uma cidade portuária, onde as memórias do comércio tradicional se cruzam com a constatação de um crescimento exponencial do turismo e ainda com as impressões de uma assinalável vitalidade cultural e artística. Esta última tem sido atestada pelos inúmeros projetos que recentemente têm sido transformados a ilha de São Miguel e a sua experiência quotidiana: o festival anual de artes Walk & Talk, o festival de música Tremor, o projeto RuActiva, e, enfim, a rede de parcerias O Quarteirão, que une as galerias, ateliers de arquitetura e design, lojas-atelier de moda e de artesanato, hostels, cafés, bares, restaurantes, que se estabelecem nas proximidades da Travessa da Rua D'Agôa, em Ponta Delgada.

MARIA DA LUZ CORREIA  
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

# Os casamentos temáticos

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PRI DA FCSH)



Até que a MODA nos separe...

Sei de uma camponesa, sem FB nem TV, que ficou debulhada em suores no dia em que decidiu casar. Escolheu um rapaz de boas cores e poucos vícios, com quem queria ter filhos. Dançava com ele nos arraiais, fazia-lhe olhinhos na missa, e para todos era certo que o casório acontecesse sem percalços.

O dia declinava quando o par foi falar com o padre. Eles sabiam que o matrimónio era assunto sério, mas não imaginavam os enredos que os esperavam. O padre explicou-lhes que era preciso tirarem um curso, o sacristão cobrou para tocar o sino e a beata informou que não enfeitava a igreja. Dali seguiram para o restaurante. Iam apreensivos com a despesa, mas as dificuldades vieram antes dos números. Muito pres-tável, o gerente começou por perguntar qual era a cor do casa-

mento. O par entreolhou-se; achavam que os casamentos eram da cor que Deus quisesse e São Pedro mandasse, que cada um vestiria o que tivesse, exceto a noiva que devia ir de branco. Se o senhor se referia às toalhas das mesas? - inquiriu a camponesa - tanto lhe fazia, que era rapariga com grande sentido prático.

O pior veio a seguir: tinham de indicar o tema do casamento. Os noivos não sabiam como responder à questão, que parecia decisiva. Sem tema, era impossível casarem-se! O gerente foi dando exemplos: contos de fadas, circo, gótico, debaixo de água, balões de ar - de que é que eles gostavam? Ele gostava de ceroulas e ela do cheiro a naftalina, mas nenhum se atrevia a falar. O gerente oferecia ideias, desde o simples chapéu de palha à sofisticada passagem de modelos.

Tudo o que eles queriam era ter uma aliança de ouro no dedo, um bolo com um casal de bonecos e um brinde ao amor eterno. Estava fora de questão! De resto, ela apreciava melrinhos, talvez o noivo pudesse matar uns quantos para pôr nas mesas, ou apanhá-los vivos e pô-los em gaiolas. O gerente achou má ideia. Gafanhotos? Desde que não fossem aos milhares, até eram bonitos... Má ideia. O tema não podia ser o amor? Não, era uma grande falta de imaginação. A família? Pior ainda. Se eles quisessem arriscar um tema inédito, havia sempre o divórcio, que era moda depois do casamento.

Debulhada em suores, a camponesa saiu para apanhar ar. Nunca mais viu o rapaz de boas cores e poucos vícios.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA  
(DOCENTE DA FCSH)

## Até sempre, Amigo Casimiro!



Casimiro Rodrigues foi docente do antigo Departamento de Ciências da Educação da UAc

É com enorme pesar que a FCSH vê partir o Doutor Casimiro Jorge Simões Rodrigues, docente do antigo Departamento

de Ciências da Educação da UAc.

O Doutor Casimiro Rodrigues ingressou na UAc, como Assistente, em 1999, passando a Professor Auxiliar em 2008, ao concluir o doutoramento em História, na especialidade de História de África, com a tese "As vicissitudes do sistema escolar em Moçambique na 2.ª metade do séc. XIX: hesitações, equilíbrios e precariedades". Era membro do Centro de História de Aquém e Além Mar da Uni-

versidade de Lisboa (CHAM), no qual colaborou até solicitar a reforma antecipada, em 2012, por motivos de saúde.

No exercício das suas funções, sempre se pautou pelo elevado sentido de responsabilidade e missão. Era por todos conhecido pelo seu refinado sentido de humor e pela simpatia que dedicava às relações com todos aqueles que tiveram o gosto de com ele privar, dentro e fora das salas de aula.

ADOLFO FIALHO  
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é hora

# Maria Adelaide Correia Monteiro de Freitas (20-04-1949/6-06-2018) In Memoriam

Neste fatídico ano de 2018, temos sido privados para sempre da companhia de colegas e amigos, ainda (quase) na flor da idade. Não é o caso da Professora Adelaide, como sempre a tratei, e a quem presto homenagem nestas linhas. Deixou-nos para sempre aos 69 anos de idade, no entanto, tivemos mais de uma década para nos despedirmos dela. Já para si, o destino determinou que "desta vida não se apercebesse de que se ia desligando". Foi doloroso, para os seus amigos, assistir ao desaparecimento de uma mulher cheia de vida, que há três décadas considerava que a universidade portuguesa vivia amarrada a pergaminhos antiquados, que teria de abandonar para acompanhar os novos tempos, preparando as gerações futuras. Certamente, Adelaide Freitas viveria com grande expectativa as alterações levadas a cabo nos últimos anos na nossa academia.

Conheci a Professora Adelaide na Universidade dos Açores há 30 anos, ela já Doutora, eu monitora (na altura os melhores alunos do último ano de licenciatura eram convidados para mo-

nitores - uma espécie de aprendizes de professor). Logo se mostrou diferente dos outros doutores no trato com os não encartados. Tendo havido alterações, por decisão superior, ao que fora combinado numa reunião entre ambas, a Professora Adelaide não me chamou à Universidade para nova reunião; a Professora Adelaide telefonou-me pessoalmente para casa. Garanto-vos que não era, na altura, procedimento habitual. Poucos anos mais tarde, enquanto diretora do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas, foi sempre essa a sua atitude - tratar das questões pessoal e diretamente. Foram inúmeras as atividades que Adelaide Freitas soube dinamizar na direção do DLLM, no cumprimento de funções académicas, docentes, de investigação e extensão cultural. Foi académica, escritora e interveio na esfera pública. Enquanto escritora, será lembrada pelo romance *Sorriso por dentro da noite*, um hino à força e fragilidades da mulher. Foi mulher do seu tempo.

HELENA MONTENEGRO  
(DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Adelaide Freitas foi professora associada do antigo Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da UAc